ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA DEFESA SOCIAL
POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE ENSINO
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR "CEL MILTON FREIRE DE ANDRADE"

AL OF PM DASTAEV CYRENEU LOPES DA SILVA GOMES
AL OF PM VINÍCIUS CESAR MEDEIROS OLIVEIRA

O USO DE CÃES DE FARO DE DROGAS EM OPERAÇÕES DE BARREIRA POLICIAL

NATAL/RN
2010

O USO DE CÃES DE FARO DE DROGAS EM OPERAÇÕES DE BARREIRA POLICIAL[1]

Vinícius Cesar Medeiros Oliveira.[2]
Dastaev Cyreneu Lopes da Silva Gomes.[3]
Orientador: 2º Ten QOPMRN Paulo Sérgio Silva de Souza

Resumo: O artigo apresenta o resultado da pesquisa bibliográfica sobre o tema "o uso de cães de faro de drogas em operações de barreira policial", tendo por objetivo orientar o leitor quanto ao preparo de cães de trabalho, bem como as normas e técnicas de emprego deste tipo de policiamento. Para tal, procura subsidiar o entendimento do leitor através de um escopo histórico do uso de cães em atividades policiais e, também tratar sobre as características e funcionalidade dos cães de faro. Verificou-se, portanto, que diante da crescente da criminalidade e, mais especificamente, do tráfico de drogas é imprescindível a utilização de novas técnicas e métodos de policiamento, sobre tudo o uso de cães de faro, sendo uma modalidade eficiente e eficaz no combate a este tipo de crime. Também se destacando no uso em operações de barreira policial, otimizando o trabalho da equipe e diminuindo os riscos de inoperância nas buscas em veículos.

Palavras-chave: Cães. Barreira policial. Tráfico de drogas.

Abstract: The article presents the result of a bibliographic research about the drug detection dogs use in police barrier operations, in its objective to guide the reader as working dogs training and this policing kind of techniques and rules of employee as well. For such search subsidize reader's understanding trough a historical scope of dog using in police activities also treating about the characteristics and functionality of detection dogs. It has been verified so that, face the rising of criminality and, more specifically, in drug dealing is essential to the use of new techniques and methods of policing, especially detection dogs use, being an efficient and effective mode in the combat of this type of crime. Highlighting also in the use in police barrier operations, optimizing team's work and reducing the risks of inaction in searches into vehicles.

Key-Words: Dogs. Police Barrier. Drug Dealing.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o artigo 144, da Constituição Federal, a competência maior das Policia Militares é a de policia ostensiva de forma proativa, ou seja, na missão de antecipar-se à atividade criminal.

---

[1] Artigo apresentado ao Curso de formação de Oficiais da Policia Militar do Rio Grande do Norte.
[2] Policial Militar, aluno do Curso de Formação de Oficiais da PM/RN.
[3] Policial Militar, aluno do Curso de Formação de Oficiais da PM/RN.

Com base nesse pressuposto, os policiais militares devem se utilizar dos atributos legais e materiais mais diversificados e renovados que estiverem ao seu alcance para garantir o cumprimento dessa competência.

A abordagem a ambientes, materiais, veículos, instituições prisionais, compartimentos e, até mesmo, pessoas que possam estar portando ou homiziando substâncias entorpecentes ilícitas deve ser feita, também, além da Polícia Civil e Federal, pela Polícia Militar.

Existe, porém, um modo mais eficiente, eficaz e, principalmente, barato de se cumprir essa competência. A utilização dos cães na busca de drogas é uma solução amplamente utilizada ao redor de todo o mundo e no Brasil.

Há de se notar uma característica muito importante na maioria das atividades desenvolvidas pelo cão para o homem: a utilização do faro. Comparado com o homem, citando Costa (2008, p.27), o olfato do cão pode ser um milhão de vezes mais desenvolvido e as células cerebrais ligadas à decodificação dos odores são quarenta vezes mais numerosas no cérebro do cão.

O faro canino é a arma mais precisa na tarefa de localizar odores de todos os tipos, sejam em cadáveres, aparelhos celulares em presídios, pessoas (soterradas, desaparecidas, fugitivas), detecção de explosivos e pela função mais conhecido dos farejadores, a busca e apreensão de drogas. Sobre cães de polícia, Martins, Alves & Almeida (1995, p.09) instruem:

> Uma arma impar no combate a criminalidade, uma suplementação ao Policiamento altamente vantajosa e de custo relativamente baixo, visto que seu emprego, principalmente, na busca e salvamento de pessoas, busca de marginais, detecção de entorpecentes/armas/explosivos e outros materiais, dá a sociedade um retorno que não se pode aquilatar a níveis monetários, pois direta ou indiretamente ele protege e salva vidas, é fiel e obstinado no cumprimento de suas missões e é extremamente afável ao público externo que com ele tem contato, e com certeza, o cão bem adestrado e devidamente especializado para a missão não falha, e ama o que faz, sendo ele a encarnação do lema das Polícias Militares que é “Servir e proteger”.

É notável que a cada dia o crime organizado se mostra mais e mais aperfeiçoado em suas atividades turbadoras da paz e ordenação pública, tendo como principal fonte patrocinadora, o tráfico de substâncias entorpecentes ilícitas.

É com alicerce nessas duas realidades que trazemos à tona tal problematização, apresentando o emprego de cães treinados para detecção de entorpecentes em operações de barreiras policiais como modo eficaz e eficiente no cumprimento da missão constitucional da Polícia Militar.

Assim, este artigo científico visa investigar a utilização do cão como instrumento de trabalho pelo homem, mais especificamente, na atividade policial militar com especialização na busca por faro de substâncias entorpecentes ilícitas em operações de barreira policial.

2. HISTÓRICO DO USO DE CÃES EM UNIDADES POLICIAIS E SUA APLICAÇÃO NO COMBATE AO TRÁFICO DE DROGAS

Quando se vê uma criança brincando com um filhote de cão, percebe-se quão longínqua é a relação dessas duas espécies. Desde os tempos em que o homem começou a apontar para os processos do sedentarismo como a fixação de uma residência, a formação de uma família, a produção de excedentes, a agricultura, a pesca e principalmente a caça, enfim, a propriedade, os cães vêm se apresentando como companheiros de sua existência, datando de aproximadamente 14.000 anos sua domesticação, tal qual nos mostra RAIZOR (2004, p.04):

> Dogs diverged naturally from wolves 100,000 years ago as a result of the natural course of evolution, not human intervention, and had already evolved into a dog prior to being domesticated by humans 14,000-15,000 years ago.[1]

Porém, nem sempre nossos companheiros caninos foram como os conhecemos atualmente. Os primeiros cães, na verdade, não eram os familiares cães domésticos. Eram mais selvagens, quase lobos, como KOLER-MATZNICK (2003, p.115) nos revela:

> Due to the general assumption that the grey wolf is the sole progenitor of the domestic dog and the convention that domestic animals should not be given names separate from their

[1] Os cães divergiram naturalmente dos lobos a 100.000 anos como resultado do curso natural da evolução, não da intervenção humana, e evoluiu para o cão antes de serem domesticados pelos humanos há 14.000-15.000 anos

> known ancestor, some recent authors designate the domestic dog *Canis lupus familiaris.*[2]

Ainda com o processo de sedentarismo já citado, o homem consequentemente começou a armazenar produção e a produzir lixo (fato mais relevante). Aos poucos, nas épocas de rareamento das caças, alguns espécimes primitivos do *Canis lupus familiaris,* mais acostumados a viverem ao redor das vilas ou moradas humanas, passaram a baixar a guarda e aceitar a alimentação oferecida pelo homem. O conceito de matilha, antes voltado para os lobos, se direcionava para a "matilha humana" que agora se apresentava como provedora de alimento. Não só de alimento, mas também de "toca" (abrigo) e de relação social. Com o aprofundamento desta troca, foram sendo cruzados os exemplares mais dóceis, mais dados ao convívio humano, que logo foram utilizados para proteger o grupo do qual era parte integrante.

Ao longo das eras, os exemplares mais ativos e com personalidade mais propensa a captura de presas, evocando os tempos em que acompanhavam o homem nômade nas suas caçadas para aproveitar os restos das carcaças das presas abatidas, foram introduzidos na atividade da caça. Ao manterem-se por perto dos grupos humanos, tomavam para si a territorialidade de tal espaço provedor, afugentando predadores e grupos intrusos. Eis, então, que surgia uma conhecida função de trabalho dos cães para a humanidade: a guarda de propriedade.

Adiante, começaram a serem usados como cães de transporte, puxando trenós em regiões gélidas, na atividade de direcionamento e na guarda de rebanhos, salvamento de pessoas em soterramento, as mais variadas modalidades de caça (em tocas, a aves, a grandes e médias presas.), companhia, emprego militar e, finalmente, o nosso foco de estudo, os cães utilizados no serviço policial.

Segundo Martins (2007, p.21), a Alemanha passou a utilizar cães da raça pastor alemão em várias missões, dentre elas: condução de presos, em presídios, manifestações e rondas. Daí a origem do nome "cão policial". Sendo assim, foi a Alemanha o berço da utilização do cão no serviço de segurança pública, um tanto diverso de como o

---

[2] Devido à aceitação geral de que o lobo cinzento é o único progenitor do cão doméstico e da convenção de que não devem ser dados nomes diferentes aos dos ancestrais dos animais domésticos, alguns autores recentes denominam o cão domestico *Canis lupus familiaris*

conhecemos, mas, basicamente com as funções que ainda são utilizadas hoje, sendo uma delas, a de polícia.

Após a derrota alemã na 2ª guerra mundial, os americanos, rapidamente, assumiram a ponta no emprego de cães, devido à relação de dominação obtida após o embate bélico. Martins (2007, p.21) corrobora que "Na América do Norte o primeiro país a utilizar desses animais foi os Estados Unidos", fato este que explica a vasta utilização dos cães pelas forças policiais até hoje, as famosas unidades k-9, uma abreviação da palavra "canine", traduzido como "canino".

Na América do Sul, foi a Argentina, após diversos refugiados alemães da segunda grande guerra escolherem esse país como destino, trazendo consigo seus cães pastores. Misturaram-se em diversos níveis da sociedade, inclusive, na segurança pública, dando origem às primeiras unidades a empregar cães no continente.

O adestramento e emprego de cães para o trabalho policial tanto na Europa, América do Norte e países da América do Sul, como na Argentina, fizeram com que o Brasil também admitisse o emprego do cão como forma de otimizar o trabalho das polícias, sendo, de acordo com Costa (2008, p.24) "adotado primeiro na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo e, em seguida, nos demais Estados da Federação, haja vista o evidente resultado nas áreas em que eram empregados.".

Além das Polícias Militares, outras instituições da segurança pública passaram a utilizar os conhecimentos cinotécnicos, como os Bombeiros Militares, Polícia Civil, Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal. Silva (2003, p.33) corrobora:

> Outros órgãos de segurança começaram a usar os cães nas atividades afins; sendo a Policia Federal e a Policia Rodoviária Federal; ambas por terem responsabilidades de fiscalização na esfera Federal, e por terem dentro de suas obrigações o trabalho de combater o tráfico, começaram a utilizar o cão farejador, pois este demonstrou a grande vantagem numa fiscalização seja em veículos, em matas, enterrada ou até quando as substâncias se encontram junto com outros pertences em galpões, armazéns, contêiner, porões de navios e residências.

Sendo assim, nota-se que, tanto nos demais países do mundo, quanto no Brasil, o emprego de cães nas atividades de faro de substâncias entorpecentes ilícitas é relativamente novo, mas, largamente difundido desde seu início.

Dentre as raças mais utilizadas destacam-se o Labrador Retriever, Border Collie, Springer Spaniel, Pastor Alemão e Pastor Belga de Malinois, raças que detêm em comum um histórico de seleção de indivíduos para o trabalho. Em comum, também, o

grande ímpeto por brincar, sua lealdade para com os donos e capacidade de faro de destaque.

Porém, o que atualmente se observa é a tendência a buscar indivíduos e não somente raças que tenham, naturalmente, características identificáveis desde filhotes, ainda na ninhada, que, uma vez identificadas, os tornem aptos ao início do treinamento para o faro.

Costa (2008, p.29-31) nos fala sobre "possessividade, iniciativa, determinação, motivação, temperamento, saúde e coragem" como traços desejáveis para um cão a ser empregado nas atividades de faro. PARIZOTTO (2004, p.07) confirma:

> [...] não basta levar em consideração apenas as características gerais de uma raça, no caso em epígrafe, a capacidade de faro, mas também dentre os indivíduos dessa raça, selecionar aqueles que detém aspectos naturais que o destacam entre seus pares.

Assim, percebemos que a doutrina atual procura enfocar não somente uma raça de cães, mas, um perfil a ser utilizado no trabalho, seja ele um reconhecidamente "cão policial" como o Pastor Alemão, ou um SRD (sem raça definida), o popular "vira-latas". Não importa. O que será relevante é sua aptidão para o trabalho de faro.

3. AS CARACTERÍSTICAS E FUNCIONALIDADE DOS CÃES DE FARO DE ENTORPECENTES

3.1 A funcionalidade dos cães de faro de entorpecentes

A grande capacidade olfativa dos cães foi um ator que se tornou muito utilizado pelo homem, principalmente, na prática da caça, pois por muito tempo os cães localizavam o animal a ser caçado, bem como buscavam o animal que já houvesse sido abatido pelos caçadores.

No âmbito policial, o emprego do cão para utilizar sua capacidade olfativa como vantagem para um aparato estatal data da primeira metade do século XX, quando passaram a ser empregados na localização de pessoas. Discorrendo sobre tal tema pode-se ressaltar Gygas (1987, p. 65).

> O modo como começou o emprego de cães policiais com o intento de seguir o faro, foi precisamente no dia 28 de junho de 1902, dia em que o farmacêutico Adolfo Goeschel fundou na Alemanha a Sociedade para promoção e Criação de Cães Policiais. Como acontece

> frequentemente, também aqui o acaso ajudou a encontrar novas tarefas para os cachorros. A princípio, utilizou Airadele-Terries, Boxers, Pastores Alemães, Schnauzer Gigantes etc., em suas experiências. Com o passar dos anos evidenciou-se que os cães possuíam todas as qualidades exigidas para tal serviço.

Com o grande incremento das drogas no meio social, ocorrendo um aumento dos usuários de drogas e do comércio ilegal dessas substâncias, as instituições policiais passaram a utilizar a grande capacidade de faro do cão para localizar drogas e, consequentemente, coibir seu comércio.

O emprego de cães treinados para farejar drogas é cada vez maior nas organizações policiais, sendo bem evidenciados em aeroportos e rodovias, locais aonde diversas apreensões já foram realizadas em virtude do uso desses animais altamente treinados.

Contudo, para obter-se um cão apto para o trabalho de faro de entorpecentes se faz necessário o conhecimento apurado das técnicas de preparo e formação de tais cães-policiais, bem como um conhecimento teórico que subsidie tal trabalho.

3.2 Cães para detecção de drogas

RAÇA

A raça para uso de cães farejadores de drogas pode variar em muito, e a ideal será aquela em que a habilidade do faro seja altamente instintiva, associada ao ímpeto intenso para brincar e recuperar objetos.

IDADE

De um modo geral, a idade do cão para ser adestrado deve ser de 18 a 24 meses. Isso não quer dizer que um cão não possa começar a ser adestrado quando mais jovem. É extremamente necessário que o treinador compreenda que colocar um cão imaturo em uma área altamente estressante de trabalho de detecção pode levar a resultados desastrosos.

ÍMPETO EM RECUPERAR OBJETOS

O cão deverá exibir vontade intensa em recuperar objetos, ao ponto de tratar de recuperar, praticamente, qualquer objeto que lhe seja solicitado apanhar.

INTENSIDADE DO FARO

O cão deverá ter capacidade para detectar seu brinquedo a ser apanhado, até mesmo após ter sido escondido, ficando envolvido na atividade com entusiasmo e determinação.

3.3 Traços desejados em cães farejadores de drogas

MOTIVAÇÃO

O cão precisa possuir e revelar personalidade altamente motivada, sendo, especialmente, desejável a vontade de brincar e o desejo de agradar o adestrador.

INTENSIDADE

Um cão intenso é o que mantém o foco absoluto em seu faro, na busca pelo brinquedo. Intensidade não é necessariamente sinônimo de hiperatividade, mas um desejo insaciável de descobrir a fonte de odor, quaisquer que sejam as circunstâncias.

DISCRIMINAÇÃO DE CHEIROS

A maior parte das raças caninas possui essa habilidade em maior ou menor grau.

SOCIALIZAÇÃO

O cão precisa possuir a confiança e a experiência necessárias para atuar nos mais diversos ambientes. Caso um cão jovem mostre coragem e curiosidade, mas seja cauteloso em ambientes novos, tudo será simplesmente questão de uma fase de seu crescimento. Não se deve confundir um cão cauteloso com um cão confiante.

3.4 Metas para o cão detector de drogas

OS CÃES CANDIDATOS AO TRABALHO

Os cães candidatos para a busca devem possuir um bom faro, um caráter calmo, ser equilibrados e cheios de energia. Eles devem ser sociáveis, tanto para com os humanos como para seus congêneres, pois, com frequência, eles vão estar em grande número nas áreas de trabalho. O gosto pela brincadeira é, igualmente, essencial para a aprendizagem.

O adestramento repetitivo e constante permite que o cão seja exposto de forma contínua a uma variedade de odores de narcótico, o que ajudará a aproximar o adestramento e reforçará uma resposta positiva a esses odores.

APRESENTAÇÃO DE NOVAS ÁREAS

A apresentação do cão a novos ambientes irá ajudá-lo a superar qualquer tipo de apreensão que possa a ter em relação a novos odores e a novos ambientes (pisos lisos, atividades fora do solo, ruídos altos.).

FORMAÇÃO DE CONFIANÇA

Um cão autoconfiante irá revelar esse traço em seu trabalho, e o adestramento de manutenção deverá focalizar as áreas em que o animal demonstre qualquer falta de confiança ou em que se mostre perturbado ao atuar em ambientes novos (odores estranhos, esteiras de bagagem em movimento.).

3.5 Atributos do adestrador de cães detectores de drogas

RECONHECIMENTO DO CÃO

Uma das áreas mais difíceis de serem aprendidas pelo adestrador é a das mudanças de comportamento demonstradas pelo cão quando descobre um odor que foi treinado a detectar. É importante observar que enquanto o cão demonstra essas variações de comportamento, sempre irá exibir "mudança de comportamento" básica e distinta.

Outro termo seria aprender a "ler o cão": algumas mudanças comuns de comportamento envolveriam o abanar o rabo, farejamento intenso, alteração na respiração, mudança de foco e intensidade crescente de busca.

APRESENTAÇÃO DE NOVAS ÁREAS

Se o adestrador não conseguir demonstrar para seu cão a confiança que deposita nos dois, mesmo em ambientes diferentes, o cão irá perceber o que acontece e não irá ser eficaz em sua busca. Um adestrador que expõe, constantemente, a áreas novas terá capacidade muitas vezes maior de desenvolver a proeficiência da equipe na realização de suas buscas.

FORMAÇÃO DE CONFIANÇA

O cão que trabalha em rotinas diárias com o seu adestrador logo aprende também a "ler" o adestrador, da mesma forma que este aprende a ler seu cão. Quando o adestrador demonstra falta de confiança, o cão logo percebe estes sinais de comportamento, o que resulta em muita distração, sendo uma das metas do adestrador durante o processo de adestramento, a realização de exercícios que promovam a confiança tanto em si quanto no seu cão.

EDUCAR E EXPERIMENTAR

Ao conduzir sessões de adestramento, o adestrador deve ser estimulado a experimentar diferentes problemas relacionados ao faro e à situação de adestramento. Apresentar o cão a novas áreas e realizar o adestramento em uma variedade de ambientes é algo que deverá ajudar a aumentar a confiança tanto do animal quanto do adestrador, auxiliando este último a empenhar-se em solucionar a causa de qualquer problema de faro.

TOM DE VOZ APROPRIADO

O tom de voz funciona com linguagem corporal, sendo o primeiro recurso que é usado na comunicação com seu cão.

É necessário executar um tom de voz direto ao invés de ser duvidoso, ditador, histérico e alto. O cão possui um apurado senso de escuta e a falta de resposta não é porque o cão não escutou é porque escolheu não escutar. Não se deve gritar com o cão, mas sim falar de maneira suave para normal. Para agradar o cachorro, após uma correção, deve-se diminuir o tom de voz para se adequar à correção; na correção mais severa aumenta-se o tom de voz.

UM TRABALHO EM EQUIPE

Como em qualquer outro trabalho que associe um cão a um ser humano, é necessária uma cumplicidade muito estreita entre o adestrador e o cão. O treinador deve conhecer, perfeitamente, o seu animal, saber lê-lo na área de trabalho, quer dizer estar a espreita de todas as suas reações. Reciprocamente, o cão deve ter confiança total em seu adestrador para segui-lo a todo lugar, quaisquer que sejam as dificuldades do terreno.

Para atingir esse grau de associação impõe-se uma longa preparação. Após a socialização e a educação de base, o trabalho é orientado para a busca, propriamente dita. As técnicas são variáveis de acordo com o comportamento dos cães. Em geral, o treinador conta com a ligação que o cão tem com ele e a possessividade por um brinquedo em particular.

SE O CÃO NÃO ENTENDEU O EXERCÍCIO

Se seu cão não entendeu, completamente, o que o adestrador está tentando ensinar, deve ser porque não se estabeleceu as regras do exercício em particular. Deve ter sido dado ao cão a opção de escolher se ele quer ou não trabalhar. Geralmente, ele, provavelmente, não entendeu o que se quer que ele faça. Portanto, deve-se analisar o exercício e dividi-lo em fases menores.

Se o cão tem algum problema em qualquer nível de treinamento deve-se voltar ao nível anterior e ter certeza de que ele sabe de tudo, antes de passar para a próxima etapa.

3.7 locais de atuação de cães farejadores de drogas

Os cães podem ser usados nos mais variados locais e ambientes, desde que em cada um deles se observe fatores inerentes a cada ambiente, com vista a otimizar o trabalho com o cão para resguardar tanto o animal com seu condutor. Locais como rodoviárias, aeroportos, casas residenciais, prédios comerciais e veículos, são exemplos da ampla funcionalidade da atuação dos cães de faro. Contudo, abordaremos agora o trabalho dos cães de faro em veículos, para assim atender o tema proposto que é “o uso de cães de faro de drogas em operações de barreiras policiais”.

4. O USO DE CÃES DE FARO DE DROGAS EM BARREIRAS POLICIAIS

A barreira policial é um tipo de operação policial-militar, a qual, como as demais, deve sempre seguir um planejamento, sendo executada em vias de circulação pública pré-designadas, em função de levantamentos realizados através de ações de inteligência e análise de dados. Entre esses levantamentos que determinam o local de instalação de uma barreira, pode-se elencar: os índices de criminalidade, o risco do local em que é instalada e o conhecimento da utilização da via pública por criminosos para, entre ouros motivos, transportar drogas.

Neste sentido, sobre as barreiras policiais, afirma Rosa (2006, p. 11):

> Realizadas através da instalação de postos de checagem fixos e/ou móveis montados em vias públicas pré-determinadas (normalmente em vários locais simultaneamente), considerando a incidência de ocorrências policiais, locais de risco e rotas onde usualmente circulam de marginais.

Tendo em vista atender à diversidade de atuação para melhor eficiência no combate ao tráfico de substâncias ilícitas entorpecentes, os cães de faro podem ser de suma importância no uso nesse tipo de operação, pois aumentam as possibilidades de encontrar-se algum tipo de substância ilícita.

O emprego de cães na detecção de substancias ilícitas em veículos obedece aos princípios de atuação do policiamento não-especializado com observância dos critérios de atuação do policiamento com cães.

4.1 A doutrina

4.1.1 Componentes da operação:

COMANDANTE DA OPERAÇÃO: transmite as ordens da operação. Cabe a ele a resolução dos problemas advindo da operação. Deve responder pelo comando, um oficial ou um sargento.

SELECIONADOR: responsável pela seleção dos veículos que apresentem atitudes suspeitas.

ANOTADOR: responsável por tomar notas dos dados dos veículos que forem abordados na barreira policial, bem como preencher todos os documentos atinentes à operação.

REVISTADOR: responsável pela execução da busca pessoal e veicular, abordados na barreira policial. Deve procurar por armas, drogas e qualquer outro produto ilegal. O

binômio homem-cão assume o papel de revistador, sendo também responsável pela busca, exclusivamente, de drogas.

SEGURANÇA: Devem cuidar da integridade dos Policiais Militares componentes da operação policial de barreira, através de um cuidado criterioso com todos os veículos que passarem pela barreira policial.

4.1.2 A preparação do veículo e local de abordagem

A aplicação de cães em barreira policiais deve sempre ser realizada por amostragem ou suspeita, com base nos estudos de inteligência realizados anteriormente a operação. Isso se deve ao fato de que seria impossível a abordagem de todos os veículos, bem como pelas limitações físicas dos cães de trabalho, sendo prejudicado quanto maior o tempo do trabalho a ser realizado. Sobre o tempo de emprego do cão farejador de drogas Martins e Souza (2003) ensinam que o cão deve ser empregado em períodos curtos que giram em torno de quinze a vinte minutos, sempre descansando o dobro do tempo trabalhado.

Já em relação à atuação da guarnição pela localização de drogas, a qual é composta pelo cão e por, no mínimo, dois policiais com a função de Guia e auxiliar do Guia, esta deverá sempre ser empregada em reforço durante a operação de barreira policial, não sendo incumbida da realização da abordagem, agindo, somente, após a completa segurança do veículo que será vistoriado.

No tocante à localização de drogas no automóvel, antes da utilização do cão de faro, alguns fatores devem ser analisados pelo adestrador, objetivando facilitar o trabalho do animal e, por conseguinte, agir com celeridade na busca e obter êxito no processo. Esses fatores, além de tornar o ambiente mais propenso para a busca, possuem o escopo de, também, evitar que o animal sofra qualquer lesão no trabalho.

Sobre essas condições essenciais de caráter preliminar que auxiliam no resultado e reduzem os riscos de lesão que o cão pode sofrer, Helfers (1998, p. 54) alerta:

> Antes de empregar o cão na busca do veículo, o adestrador deve:
> a) Verificar o veículo para encontrar quaisquer objetos que possam representar distração ou perigo para o cão (objetos afiados, venenos, etc.)
> b) Verificar a direção e intensidade do vento.
> c) Prestar atenção no fluxo do trânsito, se o veiculo estiver no acostamento de uma estrada.

Ainda sobre a preparação do veículo por parte do guia para o emprego do cão, algumas outras ações podem ser realizadas para otimizar o resultado final na localização drogas. O fechamento de todas as janelas e portas como forma de conter o odor dentro do veículo é uma dessas ações.

Durante dias frios, ligar o aquecedor e o ventilador do veículo em que ocorrerá a busca são atitudes que auxiliam o trabalho, pois contribuem para a circulação e expansão dos odores. Além disso, a utilização desses meios podem, também, ajudar a deslocar o ar contendo os odores da droga para fora do veículo de forma a permitir que o cão os perceba sem mesmo precisar entrar no automóvel.

Outra atitude que pode ser tomada para facilitar a busca e reduzir os riscos é deixar o automóvel a ser vistoriado o mais longe possível do fluxo de veículos na rodovia, para ocorrer um menor movimento do ar, bem como, tornar mais seguro o ambiente para o cão.

4.1.3. Roteiro de busca

Para o emprego com sucesso do cão farejador em veículos de passeio é essencial que o guia siga um roteiro visando facilitar o trabalho do animal. Dessa forma, para efetuar a busca em um veículo, é preciso dividi-lo em quatro partes, sendo elas:

a) O exterior do veículo: inclui toda parte externa do veículo, como a parte de baixo e rodas.

Sobre a aplicação do cão farejador no exterior do veículo, Helfers (1998) ensina que é essencial que o guia conduza o cão a inspecionar onde pode estar escapando de drogas, como gretas e orifícios, sempre cuidando para não prejudicar o desempenho do animal ao atrair sua atenção para detalhes demais ou ao ater-se inconscientemente a uma área específica. Importante salientar que um cão bem treinado apropriadamente e com atributos bem desenvolvidos pode perceber drogas no interior do veículo ainda enquanto é empregado no exterior do mesmo.

b) O interior do veículo: após verificar o exterior do veículo, o cão deve ser conduzido ao interior do veículo, para farejar painel, teto e bancos. Geralmente, o animal entra pelo lado do passageiro, pois estará mais afastado do local em que os carros estão trafegando, ajudando a proteger adestrador e cão.

Helfers (1998, p. 155) elenca algumas posturas a serem tomadas pelo guia ao verificar o interior do veículo:

> Na entrada, o cão será primeiro levado a farejar a greta da porta do passageiro, momento em que a porta é ligeiramente aberta. Assim, duas coisas acontecem: primeiro, o ar preso dentro do veículo escapa através da greta e, segundo, o cão consegue perceber quaisquer odores que possam estar saindo pela abertura, vindas do interior... e logo depois o cão deve entrar no veículo sem a guia, para melhorar sua agilidade, enquanto o guia permanece do lado de fora observando as mudanças de comportamento do cão, ressaltando que neste momento as portas deveram permanecer fechadas.

Caso o cão não demonstre nenhuma mudança no comportamento o guia poderá entrar no veículo para indicar ao cão alguma área na qual ele deseja que o animal fareje com mais ênfase.

Logo depois deve recolocar a guia no cão e retirar o animal do veículo, evitando que corra para pista.

c) Parte traseira do veículo: compreende o bagageiro do veículo a ser vistoriado.

O cão deve primeiro farejar a porta entreaberta do bagageiro do veículo, logo em seguida deve adentrar no bagageiro e proceder à busca. É importante frisar que as malas que, porventura, estiverem no local devem ser retiradas e colocadas em ordem no chão e revistadas.

d) Parte da frente do veículo: consiste no compartimento onde fica o motor do veículo. O guia deve ter o cuidado em verificar a temperatura do motor para evitar qualquer lesão ao cão.

Certas buscas em veículos devem obedecer alguns protocolos antes de abordarmos o interior do veículo. É o caso dos ônibus de viagem. O guia e seu auxiliar devem primeiramente, entrar no ônibus e explicar que vai ser realizada uma busca com cães; logo em seguida deve esvaziar o ônibus e também retirar todas as malas do bagageiro, sendo realizada uma busca nas malas e no bagageiro e, só depois adentrar no ônibus e realizar as buscas em seu interior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento constante da criminalidade na sociedade brasileira tem raiz, intimamente, ligada ao surgimento de organizações criminosas, que por sua vez têm no tráfico de drogas sua principal atividade delituosa. É através do tráfico que essas organizações se fortaleceram e passaram a ameaçar o Estado e toda a sociedade. É importante salientar que em virtude do domínio do mercado de tráfico de drogas, muitos delitos são praticados, tanto pelos próprios traficantes, como pelos consumidores, gerando para sociedade danos irreversíveis. Conseguinte, o crescimento dessas

organizações também tornou o combate do Estado a elas um trabalho árduo e carente de uma reformulação em suas estratégias, métodos e ações, para que desta forma consigam fazer frente ao, cada vez mais crescente, crime organizado.

É neste contexto que os órgãos de segurança necessitam de novos métodos e formas de policiamento para se alinharem com a necessidade de mais eficiência no combate à criminalidade. É nesse sentido que uma análise mais detalhada do emprego de cães de trabalho no combate ao tráfico de drogas se faz necessária, para que desta forma formem conceitos e procedimentos padrões neste tipo de policiamento. E, ainda, neste aspecto o trabalho com cães de faro de drogas em operações de barreira policial ganha destaque, pois apresenta-se como mais um instrumento no combate à criminalidade, apresentando-se como uma forma segura e eficaz de enfrentamento ao tráfico de drogas nas rodovias de todo o estado.

REFERÊNCIAS:

GYGAS, Théo. **O Cão.** 6ª Edição. São Paulo: Discubra, 1987.

HELFERS, Fred. **Regras e diretrizes de Certificação para Cães farejadores de Narcóticos.** Polícia do Noroeste do Pacífico, 2005.

Koler-Matznick J. An **Updated Description of the New Guinea Singing Dog *Canis Hallstromi Troughton* 1957**. J Zoology, London, 2003.

MACIEL, Mário Augusto Jardim. **O emprego de cães nas atividades de polícia ostensiva.** Monografia - Curso Avançado de Administração Policial Militar. Brigada Militar, 1999.

MARTINS, Adalberto; ALVES, Álvaro Luiz; ALMEIDA, Marco Alexandre Santos de. **Importância da especialização do plantel canino para emprego no serviço policial.** Monografia – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. PMSC, 1995.

MARTINS, Clayton Marafioti; SOUZA, Claudionir de. **Manual cinotécnico:** Emprego policial do cão. Polícia Militar de Santa Catarina, 2003.

PARIZOTTO, Walter: **O uso de cães pelo corpo de bombeiros**. Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, 2004.

Raisor M. **Determining the Antiquity of Dog Origins: Canine domestication as a model for the consilience between molecular genetics and archaeology**. Texas A&M University, 2004.

ROSA, Aurélio Pelozato da. **Guia teórico-prático:** Operações de polícia-OPP. Polícia militar de Santa Catarina, 2006.